



**Eixo: Classes sociais, geração e Serviço Social.
Sub-eixo: Envelhecimento.**

IDOSOS QUILOMBOLAS, IDENTIDADE ÉTNICA E MEMÓRIA

**SIMONE BARROS DE OLIVEIRA¹
JOÃO VITOR BITENCOURT²
ROSEMARI PAIM DA SILVA³
CASSIA ALINE BULSING MAIA⁴
ELIANE MOREIRA DE ALMEIDA⁵**

Resumo: Estudo qualitativo, de natureza exploratória, que objetiva dar visibilidade às pessoas idosas nas comunidades remanescentes de quilombos e seus processos de identidade nas relações com as diferentes gerações. As narrativas são submetidas à análise de conteúdo temática. Os resultados parciais apontam que os idosos são a principal referência da identidade étnica nas comunidades quilombolas, alguns, muito atuantes no processo de construção e manutenção da comunidade. As lideranças atuais têm na pessoa idosa a memória viva que se torna coletiva para as gerações futuras.

Palavras-chave: Idoso; Quilombola; Identidade; Geração.

Abstract: A qualitative study of an exploratory nature that aims to give visibility to the elderly in the remaining communities of quilombos and their identity processes in the relations with the different generations. The narratives were submitted to content thematic analysis. The partial results indicate that the elderly are the main reference of the ethnic identity in the quilombola communities, some very active in the process of construction and maintenance of the community. The elderly person is a living memory that becomes collective for future generations by present leaderships

Keywords: Elderly; Quilombola; Identity; Generation.

¹ Professor com formação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

² Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: <joaovitorbitencourt2016@gmail.com>

³ Profissional de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁴ Estudante de Graduação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

⁵ Estudante de Graduação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população está intimamente ligado à qualidade de vida no Brasil. Segundo dados de um levantamento divulgado pelo IBGE (2018) denominado “Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios 2017”, a população de idosos é o segmento que mais tem aumentado no período temporal de 2012 a 2017. Teve um incremento de 18,8% sendo que a população geral teve um incremento de 4,2%. Com isso, a faixa de pessoas acima de 60 anos passou de 25,4 milhões para 30,2 milhões nesse lapso temporal. Portanto, se evidencia a necessidade da construção de mais políticas e ações voltadas para esse segmento.

Em relação ao segmento populacional de idosos, os quilombolas ainda se encontram em situação de maior vulnerabilidade social. As condições de vida são mais precarizadas, pois ainda lutam pelo direito à terra, direito primordial para que possam ter acesso aos demais direitos e políticas públicas (FERREIRA; CARLET, 2017). Das pessoas autodeclaradas quilombolas, cadastradas no Cadastro Único, no Estado do Rio Grande do Sul, 9,9% estão acima dos 60 anos (MDS).

Outro estudo descritivo, transversal, com abordagem quantitativa, realizado com 139 idosos quilombolas no Maranhão revelou baixos índices de saúde. Este estudo objetivou descrever as condições socioambientais e demográficas de idosos quilombolas. O perfil encontrado foi de homens, negros, entre 60 e 69 anos, analfabetos, renda de até dois salários, casa própria com fossa séptica, água encanada e consumo de água filtrada. As comunidades caracterizavam-se pelo forte vínculo com o meio ambiente, porém as condições sanitárias destas populações eram insuficientes e destacou-se a ausência de serviços de saúde locais, contribuindo para o baixo índice de indicadores de saúde (JUNIOR et.al., 2014).

No Rio Grande do Sul, foi realizado um estudo sobre o padrão alimentar com 83 quilombolas da comunidade Limoeiro, no litoral, com idade média

variando entre 42 a 64 anos de idade (87%) e identificaram que 61,4% dessas pessoas viviam com um salário que variava entre um a três salários mínimos; os outros 38,6% viviam com menos de um salário mínimo. Quanto à escolaridade, 54,51% possuíam ensino fundamental incompleto, sendo 22,89% analfabetas. Apenas 6% concluíram o ensino médio. 49,38% das pessoas responderam que existia em sua residência alguém que possuía alguma doença crônico-degenerativa. Os pesquisadores concluíram que havia falta de informação a respeito do adequado padrão alimentar, pois a população tinha como base apenas duas divisões da pirâmide alimentar. Argumentam que apesar da Constituição Federal prever que saúde é um direito de todos, “dentre grupos que apresentam situação de risco, sem possuir todos os determinantes para que seja alcançada a saúde, estão as comunidades quilombolas” (FIGUEIREDO et.al, 2011, p.131). Estudo nacional em 9191 domicílios de quilombolas também indicou alto nível de insegurança alimentar, sendo que 55,6% dos adultos (incluindo idosos) residentes nessas comunidades viviam com fome ou sob o risco de inanição (BRASIL, 2013).

Em relação a pessoas idosas quilombolas, estas possuem um papel muito importante nas comunidades, o de contribuir para a reelaboração de suas histórias, de seguirem passando seu conhecimentos aos mais jovens, através de narrativas que contribuem para o sentimento de pertencimento e identidade (BARROS, 2016), pois a “[...] memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (HALBWACHS,2006, p. 69). Nas comunidades quilombolas, a mulher idosa é valorizada, pois é considerada a matriarca e assume o papel de “griô”, transmissora de valores, história e cultura dos povos tradicionais através de gerações. No presente artigo, procuraremos abordar, através das narrativas dos sujeitos do estudo, o papel das pessoas idosas em diversas comunidades quilombolas.

2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

O artigo traz os resultados parciais de uma pesquisa de Campo realizada em 7 municípios do interior do Estado do Rio grande do Sul em 2018 (Portão, Formigueiro, Uruguaiana, Restinga Seca, Mostardas, São Lourenço e Piratini) no qual tivemos contato com os seguintes quilombos (Macaco Branco, Rincão dos Fernandes, Rincão dos Martimianos, São Miguel dos Pretos, Vó Maria e Vó Valdomiro, Timbaúva, Medianeira, Vovó Chinoca, Vovó Joaquina, Quilombo das Nascentes (Boqueirão do São Lourenço) Quilombo Picada, Torrão do São Lourenço, Quilombo Coxilha Negra, Quilombo Rincão das Almas, Quilombo São Manoel, Quilombo Faxina, Quilombo Rincão de Couro, Quilombo Rincão do Quilombo, Quilombo Fazenda Cachoeira, Quilombo Brasa Moura). Objetiva-se dar maior visibilidade ao idoso nessas comunidades quilombolas, a identidade e a relação dos mesmos com as gerações presentes e futuras. A pesquisa se justifica pela necessidade de dar visibilidade aos idosos das comunidades remanescentes de quilombos e seus processos identitários. Ao mesmo tempo, tem oportunizado à equipe interdisciplinar, ampliação de conhecimento acerca da identidade e memória dos quilombolas

É uma pesquisa de natureza quanti-qualitativa, realizada através de enquete, entrevistas e grupos focais com os membros das comunidades quilombolas, lideranças comunitárias, provedores de serviços e gestores de diferentes políticas públicas no âmbito do Estado e Municípios. A interlocução foi feita a partir das lideranças quilombolas indicadas pelo Instituto de Assessoria a Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ) para agendar a visita in loco nos quilombos, utilizando o método de saturação teórica para fechamento amostral (FONTANELLA et.al., 2008; 2011).

O fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo

4

considerado relevante persistir na coleta de dados. Noutras palavras, as informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido, não mais contribuindo significativamente para o aperfeiçoamento da reflexão teórica fundamentada nos dados que estão sendo coletados (TURATTO et.al, 2008, p.17).

As entrevistas e grupos focais realizadas com informantes chaves da comunidade para identificar lideranças idosas, de ambos os sexos, nas comunidades que possam contribuir com a pesquisa. Essa técnica é conhecida como *snowballtechnique* ou “bola de neve” (CASTILLO, 2009). Marconi & Lakatos (1999, p.94) definem a entrevista como sendo o encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Consideramos esta técnica mais adequada, pois visamos a compreensão das experiências sociais das mulheres e idosos quilombolas e o significado de suas vivências, não visando a quantificação ou generalização, mas a análise do fenômeno em profundidade.

Para a análise de dados da pesquisa tem-se utilizado a técnica de análise de conteúdo. Para Minayo (1998), o termo análise de conteúdo significa mais do que um procedimento técnico, fazendo parte de uma histórica busca teórica e prática no campo das investigações sociais. Do ponto de vista operacional, complementa a autora, a análise de conteúdo parte de uma literatura de primeiro plano para atingir um nível mais aprofundado: aquele que ultrapassa os significados manifestos. Em termos gerais, explica a autora, relaciona estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. E ainda: “Articula a superfície dos textos descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem.” (MINAYO, 1998, p. 203).

Sabe-se que, na busca por atingir os significados manifestos e latentes no material qualitativo, tem-se desenvolvido diferentes técnicas de análise de conteúdo. Estudando as propostas de cada uma dessas modalidades, percebe-

se que a que mais se adequa à presente pesquisa, e que servirá para a análise dos dados coletados, é a análise temática. Explica a autora que, fazer uma análise temática, consiste em:

Encaminhar para a contagem de frequência das unidades de significação como definitórias do caráter do discurso. Ou, ao contrário, qualitativamente a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso. (MINAYO, 1998, p.209)

Esta pesquisa conta a utilização do método dialético como orientador do processo de investigação e de análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES: a identidade do idoso quilombola

A categoria identidade é presente nos estudos e pesquisas étnico-raciais, é uma categoria sociológica e faz parte de uma construção política. Barth (1997) refere que a identidade estabelece diferenças e fronteiras étnicas que estão sempre em processos de mudanças, e é atribuída pelos próprios atores, ao mesmo tempo que necessita de compartilhamento. Através do discurso e atos políticos, a identidade se dissemina em coletividades.

A concepção de identidade diverge entre diferentes autores. Gohn (2008) pontua a dificuldade em estabelecer uma designação, devido ao caráter dinâmico e pluridimensional do significado conceitual de identidade. A construção da identidade constitui a dinâmica social dos povos remanescente de quilombo. Em se tratando da população quilombola, o Decreto de 4887/2003 define como:

“grupos étnico-raciais segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência e a opressão histórica sofrida.”

Dessa forma, o decreto elenca uma série de “condicionalidades⁶” para a definição do que é ser quilombola, mais do que apenas uma definição, essas condicionalidades significam o acesso ou o não acesso aos direitos dessa população, sistematizados no Programa Brasil Quilombola de 2004.

Ramos (2015) aponta que a identidade requer uma construção coletiva e se forma através do reconhecimento ou não com outros grupos pela afirmação ou negação do pertencimento, estabelecendo fronteiras por um tipo específico de pessoas que tem relações e se reconhecem vivendo em comum. Essa fronteira pode ser identificada através de uma forma própria de alimentação, expressões culturais, religiosas, entre outras, que representam as diferenças com outros grupos sociais. A identidade se reconhece como elementos do passado, ao mesmo tempo em que elementos da tradição são processualmente alterados entre gerações. Pois a identidade não é algo inflexível, ela é politicamente construída. Nesta perspectiva, é possível compreender o quilombo de hoje como um agenciamento político, ancorado na escravidão do passado pelo colonialismo e suas diversas formas de genocídio que alicerçam o modo de condição de vida das comunidades quilombolas que expressam formas de resistência através das relações coletivas dos dias atuais. As reivindicações do movimento quilombola de hoje são nada menos que a esperança de um reconhecimento histórico do povo brasileiro, presente nos elementos do passado, mais atualizados constantemente a partir da preservação idenitária. Como refere uma idosa quilombola sobre a história da comunidade:

Como é que eu soube? Essa história, fui saber que ela falava na mãe dela,(ao se referir à sua mãe) mas ela não foi escrava a minha mãe, não chegou a ser, a mãe dela que foi e os outros irmãos tem , ai sim foi...os parentes da minha mãe, foram , ela tem um irmão que foi escravo sim, tinha uns quantos que foram escravos. Os donos dessas campos aqui da volta, eles foram escravos, a minha mãe às vezes

⁶ No sentido de “Estado ou caráter do que é condicional, do que depende de certas condições: condicionalidade da aplicação do benefício.” Fonte: <<https://www.dicio.com.br/condicionalidade/>> Acesso em 26 jun. 2018.

me contava, mas assim eu era guria... e a gente é sempre as mesmas famílias, minha negrada que eu criei tudo (Comunidade Quilombola Rincão dos Fernandes, Uruguaiana, mulher idosa de 88 anos, abril de 2018).

Essa identidade é demonstrada pelos participantes da pesquisa, ao serem questionados sobre o que é ser quilombola:

“(...) é ser uma pessoa negra, que luta pelo que tem nos seus ideais.” Mulher quilombola, quilombo rural. (Quilombo Casca, Mostardas, mulher quilombola, junho de 2018).

“Ser Quilombola, são os negros oriundos dos fugitivos dos senhores de engenho, escravizaram eles.” (Quilombo Anastácia, Viamão, mulher quilombola, junho de 2018).

(...) é ter a força dos antepassados, eu não trago a sofrência dos antepassados que sofreram na chibata, eu trago a força deles, para mim o fato de ser quilombola é só pegar a força deles e tentar transformar para mostrar o futuro, não só pensar no passado.” (Quilombo Teixeira, Mostardas, homem quilombola, junho de 2018).

“É não deixar morrer as origens de um povo que foi muito maltratado anos atrás, acho que isso que tem que manter. Mostrar nossos direitos e que eles passaram muito trabalho e tem que continuar com as origens.” . (Quilombo Teixeira, Mostardas, mulher quilombola, junho de 2018).

Ramos (2015), ao se referir à memória coletiva de um povo, expressa que ela se preocupa com os fatos históricos, pois a memória fortalece a identidade social e influência nos processos de resistência. Dessa forma, a comunidade quilombola se constitui numa relação de lembranças a partir da coletividade que tem relação com a territorialidade que assume dimensões afetivas, culturais, sociais e políticas. A memória coletiva das comunidades quilombolas através do significado do que é ser quilombola, reinscreve no contexto atual, a afirmação da identidade através das práticas coletivas anteriormente desenvolvidas por seus antepassados e que as diferentes gerações fazem questão de manter vivas. Em suas falas, trazem a memória da escravidão de seus antepassados, uma herança histórica de violações e

resistências, uma vez que deixam claro terem herdado também sua força, força para seguirem na luta por seus direitos, jamais esquecendo suas origens. Percebe-se nessas narrativas que a identificação/representação da “identidade quilombola” relaciona-se diretamente aos processos sociais de resistência-luta e respostas às expressões da questão social⁷ na contemporaneidade, que pode ser vista no que concerne à reprodução das relações sociais no capitalismo, “determinada pelo traço próprio e peculiar da relação capital/trabalho – a exploração” (NETTO, 2001, p. 45).

As constantes lutas da população quilombola, sejam elas por território, que segundo Santos (2000, p 96) é “o chão mais a identidade”, por direitos a tanto negados, sempre serão lutas relacionadas a suas identidades, mesmo que essas sejam múltiplas, elas têm em comum, a necessidade de manterem suas origens históricas.

Pode-se concluir que, para além do que o decreto elucida, é necessário olhar para essa população em suas semelhanças e particularidades, para assim entender que ser quilombola é ser múltiplo, e condicionalidades não contemplam a diversidade dessa população, e nem garantem seus direitos, pois nem todos os quilombos possuem as mesmas histórias e vivências. Como relata uma liderança quilombola ao se referir aos idosos da sua comunidade:

Olha isso ai eu sempre trato como uns tesouros que a gente tem né, os tesouros que a gente tem porque são pessoas que sabem dar conselhos pra gente, eu quando eu preciso de um argumento, a minha mãe sempre dizia: “um argumento melhor não tem nada que ir na casa d’umas veias e colher um conselho” (lembra). Uma decisão que a gente vai tomar sobre a comunidade, eu sempre procuro ouvir os mais velhos né, eles sabem as palavras e depois a gente vai botando, sabe um pouquinho nos estudos, mas vai botando na prática né. (Quilombo Casca, Mostardas, homem líder quilombola 60 anos, junho de 2018).

⁷ A questão social está relacionada ao desenvolvimento da luta de classes e da contradição entre o proletariado e a burguesia na sociedade capitalista, “sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem se opõem.” (CARVALHO e IAMAMOTO, 1983, p.77).

Sim...hoje ela teve um problema de saúde ... Referindo-se à idosa da comunidade) então ela é amais velha que nós temos na comunidade né...essa negra eu vou dizer pra senhora, eu falo em negra porque é um orgulho que eu tenho em falar em negro, essa lutou muito por essa comunidade, era cozinheira aqui, a gente tinha...tem o médico era de quinze em quinze dias, eu ligava pra ela, “olha tia eu preciso da senhora pra fazer o almoço pra médica que vem dar o atendimento pra comunidade” né, e ela saía da casa dela e vinha pra cá pra associação e ajudou muito a construir isso ai, então foi uma mulher muito e é ainda muito importante pra nós, a gente ter ela junto com nós né. . (Quilombo Casca, Mostardas, homem líder quilombola 60 anos, junho de 2018).

O papel da pessoa idosa nas comunidades quilombolas é de extrema importância para os territórios em que residem esses povos, assim como para o entendimento-entrosamento da sociedade civil brasileira nas relações sociais com este segmento. Sabe-se que o papel da pessoa idosa, nesses espaços de construção e relação social, se volta intimamente com a questão da memória através da oralidade. A constituição da identidade negra apresenta-se como um legado histórico, permeado por inúmeras formas de resistência frente ao processo de escravização e de construção das desigualdades econômicas, sociais e de raça/etnia. Parte-se do pressuposto de que “o depoimento oral dessas comunidades [dos sujeitos que a constituem], a explicação que dão para a sua origem, é tão válido como os documentos históricos, muitas vezes inexistentes” (ANDRADE, 1998, p. 18).

Apesar de evidenciar o papel da oralidade na socialização da memória e da tradição quilombola na conformação dessas identidades, percebe-se as contradições que se formam nesse processo na contemporaneidade. Uma liderança comunitária, participante da pesquisa, comenta a respeito do desafio de socializar a história da comunidade com os (as) visitantes oriundos de outros locais/regiões:

Nós temos aqui pessoas de bastante idade. E se vem alguém de fora para conversar, se não ir alguém mais novo da comunidade junto, para interagir, aquela pessoa de mais idade já tem mais receio. A gente tem que começar a puxar! Nós estivemos ali mês passado com o seu [XXX], que está fazendo 100 anos este ano, para contar um pouco da comunidade

para os estudantes que fazem doutorado. Aí fomos ali, mas para falar é uma dificuldade né. Ela perguntava e eu sentia assim o receio né, ela perguntava e “ele olhava para ela e olhava para mim”, ficando meio que no receio né. Aí eu comecei a interagir junto para ele ir se soltando né. . (Quilombo Teixeira, Mostardas, homem líder quilombola 38 anos, junho de 2018).

Evidentemente a dificuldade (e/ou resistência) na socialização das histórias e vivências pessoais e comunitárias dos povos quilombolas - com outras pessoas e grupos sociais - relacionam-se ao distanciamento entre as culturas em um contexto de violência historicamente produzida pelo Estado brasileiro e por parte da sociedade civil através do processo de escravidão. Sobre este último, parte-se do pressuposto de que, o uso da violência e opressão, foram marcas dominantes da história brasileira-americana. Costa e Azevedo (2016, p.2-5) conceituam a escravidão através de uma aprazível análise:

Um sistema de trabalho que durou muitos anos no Brasil [a escravidão] e que possui resquícios até os dias de hoje, mais de 120 anos após a lei de abolição dos escravos e para finalizar relacionaremos as senzalas e os cortiços que foram utilizados por muitos anos como única forma de moradia por negros (as) escravizados (as). É importante frisar que por conta de o período da escravidão ter perpassado séculos, diversas gerações de escravos nasceram no Brasil, alguns deles nasceram e morreram sem conhecer o país de origem de seus pais ou avós. [...]. No entanto, sabe-se também da firme luta em que os negros e negras escravizados batalharam cotidianamente para que sua cultura e seus costumes não fossem perdidos. (AZEVEDO, 2016, p.2-5).

É neste cenário, de intensa opressão/produção da violência contra a pessoa negra, que o Estado brasileiro se constituiu em meio a disputa de ideias e concepções antagônicas em torno da questão de raça/etnia. É importante frisar que a questão dos direitos de grupos quilombolas à sua territorialidade - e construção identitária - não foi tematizada nos espaços públicos gerais na história brasileira, e isto “levou a um déficit no reconhecimento dos direitos e a

uma demanda acumulada para a efetivação dos direitos à territorialidade dos quilombolas” (MARQUES; GOMES, 2013, p.138).

A opressão racial e o racismo fazem parte do processo histórico da escravidão e culminam no surgimento do preconceito e da desigualdade racial no Brasil. Estigmas e estereótipos recaem, durante a história do país, sobre os indivíduos e grupos dessa raça/etnia, ao mesmo tempo em que o modo de produção capitalista produz as desigualdades sociais decorrentes da exploração da mão de obra da população brasileira.

Nesse cenário, para pensar sobre a pessoa idosa quilombola é preciso levar em consideração a problemática interseccional⁸ em consonância às categorias de análise que apreendem concomitantemente os impactos políticos, econômicos e culturais inclusos no modo de produção em vigência. A categoria “envelhecimento” estabelece uma intrínseca influência junto a questão racial nas comunidades quilombolas, determina demandas por espaços coletivos de resposta às necessidades sociais, como o resgate da tradição cultural e da história das comunidades, no entanto, ao mesmo tempo se percebe desafios e limites estruturais “que impactam negativamente na melhoria das condições de vida e saúde dos idosos, e conseqüentemente em sua qualidade de vida (ALVES, 2015, p.31).

Na análise dos dados coletados percebe-se a intensa participação dos (as) pessoas idosas quilombolas nos espaços coletivos como as associações de moradores e grupos nos territórios. O envelhecimento em determinados quilombos assume características voltadas para a responsabilidade e o comprometimento com as demandas coletivas, do mesmo modo percebe-se a preocupação na relação com as demais gerações quilombolas e o envolvimento comunitário. Evidencia-se isto na fala de uma idosa quilombola

⁸ “A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado[...] O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009, p. 70).

participante de um grupo focal, ao ser indagada sobre o perfil das pessoas que se organizam coletivamente no seu território:

“As mulheres mais novas, poucas frequentam a associação. Tem medo e toda essas coisas. Vai o pessoal mais velho [para a associação], entre poucos, e os outros não vão. Tem que correr atrás desse pessoal mais novo, pois a gente vai ficando mais velho. É uma briga, pois eles vêm as vezes para pegar algo, uma assinatura, mas não quer se engajar. A gente diz “a gente assina, mas teu pai, tu e tua mãe devem participar aqui da associação”. Até falam “sim, nós vamos”. Mas não vão nada. Tem uma certa desmobilização, já teve uma época mais mobilizada. . (Quilombo Teixeira, Mostardas, homem líder quilombola 68 anos, junho de 2018).

É nítida a percepção coletiva de que o papel da pessoa idosa nos quilombos volta-se para a organização comunitária enquanto outras gerações (adolescência, juventude, etc.) assumem papéis, certas vezes, desvinculados às demandas coletivas/territoriais. Isto faz parte de um processo socialmente construído em torno do apagamento da identidade dos povos tradicionais. Na fala acima, ainda, é possível perceber a intrínseca relação da questão do papel da velhice nas comunidades com a dimensão de gênero. Há uma intensa requisição para que as mulheres participem dos espaços coletivos, Junior; Couto (2015, p.1311) frisam que:

Por ser uma construção cultural e histórica e por embasar subjetividades a partir de atributos coletivamente postulados, masculinidades e feminilidades são produtos e produtoras de características geracionais. Em diferentes momentos etários e maturacionais, gênero pode representar formas distintas de acordo, com papéis definidos quanto à idade cronológica e também quanto às subjetividades coletivas de um dado grupo etário ou geracional. (JUNIOR; COUTO, 2015, p.1311).

Diferentes momentos etários vinculam-se à distintas vontades pessoais e/ou coletivas nos quilombos urbanos - aonde adolescentes e jovens aproximam-se de outros projetos societários voltados para a dimensão urbana - tal como nos territórios rurais - regiões que vivenciam inúmeras dificuldades para a reprodução social - aonde adolescentes, jovens e pessoas adultas são

influenciados (as) a procurar recursos materiais em outros locais/regiões. Presencia-se o distanciamento da participação social de determinadas gerações e faixas etárias nos quilombos enquanto tende-se a percepção que o envolvimento político e público é responsabilidade das pessoas idosas (em função da vinculação com a tradição oral e a carga cultural carregada por esse segmento).

Um aspecto importante presente na pesquisa refere-se às gerações - os adultos e jovens na relação com os mais idosos no processo de organização e manutenção da comunidade. Alguns entrevistados relatam que a maior participação ainda é dos idosos, como expressa fala deste sujeito da pesquisa:

(...) é a geração mais velha né, os mais velhos participam mais, os jovens, a gente está lutando para agrupar eles e eles entender a importância que hoje eles, a família, hoje eu falo na família, entender qual é a importância da associação na sua família hoje [...]. (Quilombo Casca, Mostardas, homem líder quilombola 60 anos, junho de 2018).

Sobre o que é ser “Quilombola”, os mais velhos geralmente trazem orgulho de ser descendentes de escravos, mas muito mais orgulho, eles trazem pela luta constante que vivem dia a dia pelas conquistas de seu território, conquista de um espaço na sociedade e principalmente, a conquista pela dignidade.

Muitas comunidades existem hoje no Brasil, como rurais e urbanas, mas são observadas as mesmas implicações desse reconhecimento de suas origens. A maioria se constitui em fortes laços familiares e uma grande herança familiar. Percebe-se, na maioria das vezes, que entre as gerações destacam-se laços de memórias entre os remanescentes. Os mais velhos trazem à tona muitas informações de conquistas e lutas contadas por seus pais e até mesmo pelos avós, e essas informações resultam nessa visão atual do que é ser quilombola. Os sujeitos pesquisados demonstram orgulho de serem negros de luta, negros com dignidade e conquistas como podemos observar na fala de um dos membros da comunidade:

“Isso aqui é uma luta de geração que a Dona Quitéria deixou pro seus escravos né.. Então essa área, esse testamento dizendo que essa terra seria repassada pros 23 escravos... Eu vim da família Oliveira, então isso é uma terra que veio, ela deixou já em testamento que seria de geração pra geração, então é o que a gente ta conservando no dia-dia, a gente foi criado com alimentação da própria terra né...” (Quilombo Casca, Mostardas, homem líder quilombola 60 anos, junho de 2018).

É fundamental destacar a importância dessa memória histórica que cada personagem coadjuvante traz em seu relato, resgatando as histórias que ocorrem de geração a geração. Em seu relato, uma mulher idosa quilombola destaca que:

“Antigamente as mulheres não podiam estudar, ficavam apenas em casa, não tendo estudo para deliberar junto com os homens” (Quilombo dos Teixeira, Mostardas, mulher quilombola 68 anos, junho de 2018).

Com orgulho relatam a luta na escravidão e de heranças deixadas pelos seus antepassados e que os mesmos herdaram de seus “donos”. Nessa lógica, evidencia-se que a memória se vincula com as relações sociais em consonância à subjetividade dos indivíduos, abalizando as experiências coletivas e as identidades territoriais:

“O fenômeno da memória em si, pode ser entendido como capacidade do indivíduo de guardar seletivamente certas informações fazendo uso de funções psíquicas e cerebrais e cognitivas”. As pessoas fazem uso de sua memória o tempo todo. Contudo, ao mesmo tempo fazemos uso de nossa memória, recordando situações boas ou más pelas quais passamos memórias estas que são subjetivas e que a cada momento podem aflorar de forma diferenciada de acordo ao contexto ou à nossa percepção da vida naquele instante. Porém, a memória é mais que a vivência armazenada de um indivíduo, ela forma parte de um contexto social, O que guardamos e o que excluimos depende de nossas experiências sociais e coletivas. (Silva, bolsista PNPd/ Capes- São Paulo, pág.09)

A preocupação de continuarem lutando por seus direitos está nas raízes desses antepassados e que hoje é destaque por muitas comunidades. Dizer que os velhos guardam tudo como anciãos de uma comunidade, não quer dizer apenas que querem transmitir histórias contadas por seus avós, mas que querem dar continuidade a esta raiz sem nunca destruir o seu alicerce. Com relata uma liderança quilombola, ao se referir à memória de seus antepassados, ao mesmo tempo em que revela a dor do racismo arraigado na sociedade brasileira:

O meu bisavô... o nosso tataravô foi na guerra, na guerra dos farrapos, ai só falam aqui que o coronel Horácio borges foi na guerra dos farrapos . recebeu o título de coronel pois tem terras. Nos, o nosso avo foi na guerra também e ninguém fala. Pois meu avo o pai do meu pai foi na revolução de vinte. Os brancos foram na guerra, mas foram em cima de um cavalo. Com espada e tudo. Meu avo foi na guerra e o herói foi ele que ele foi a pé, chego ate a me arrepiar. De lança nas mãos, chegou em casa e morreu depois de oito dias. É daqui que sai o sangue do nego veio (batendo no braço) que sofreu lá atrás pra gente tá aqui hoje. Por isso a gente não pode se abaixar (Quilombo Rincão dos Martiniano, Restinga Seca, mulher quilombola 48 anos, abril de 2018).

As comunidades quilombolas foram construídas a partir de lutas contra condições de vida de um sistema da escravidão, e a luta continua, pelo fato de ainda sofrerem com isso, pois é assegurada pela constituição federal que as comunidades remanescentes têm seus direitos garantidos, mas quando não implementados, são apenas escritos. *A característica da resistência continua*, e o importante é que gerações futuras possam ter seus direitos preservados, direito à cultura, memória e terra e acesso às políticas públicas.

Assim como no passado colonial, a identidade quilombola se constrói, ainda atualmente, como uma identidade de luta e resistência: antes contra a captura e a escravidão; hoje contra a invisibilidade e a negação da existência desses sujeitos enquanto quilombolas. (Furtado, M.B. Sucupira, R.L. e Alves, C.B. 2014, pág.112).

Por fim, a construção coletiva segue, buscando por espaços junto às políticas públicas e a busca por seus direitos, por herança deixada pelos antepassados, mas que o estigma de um olhar “diferente” e ainda “escravizado”, possa ser desconstruído na sociedade, que possam ser olhados como cidadãos de luta por direitos sociais e direitos deixados por herança.

4. CONCLUSÕES

Nesse estudo procurou-se dar visibilidade às pessoas idosas das comunidades remanescentes de quilombos. O segmento populacional em questão encontra situações de vulnerabilidade social intimamente ligadas à qualidade de vida, o que se dá em função das condições socioambientais, demográficas, históricas, políticas e culturais. No entanto, parte-se do pressuposto de que os processos de identidade construídos nesses territórios, apesar das influências negativas em torno do período da escravização da pessoa negra (produtor de desigualdade social e racial na história brasileira) produzem experiências de resistência e enfrentamento ao racismo que se apresenta como “componente de um momento histórico e não um traço que surge com o colonialismo e se mantém imóvel através do tempo dentro da evolução do capitalismo” (FERREIRA, 2014, p.4).

No cenário de produção social da invisibilidade e da negação dos direitos sociais e culturais da população quilombola na contemporaneidade, a referência da identidade étnica produz resistência através “da memória viva”, que se torna coletiva para as gerações futuras. Contribui-se para a reelaboração das histórias, da memória do período da escravidão de seus antepassados, das contradições em torno das violações e das resistências na luta em que os (as) negros (as) batalharam cotidianamente para que sua cultura e seus costumes não fossem perdidos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vanessa Castro. **Para além dos muros do manicômio: a atenção aos idosos nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)**. Porto Alegre: [s.n.], 2015.
- ANDRADE, Lúcia. Terra de Preto. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, n. 14, p. 18-23, maio 1998.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTGNAT, P.; ESTREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik. São Paulo: UNESP, 1997.
- BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. **Diogène**, [S.l.], v. 1 n. 225, p. 70-88, 2009.
- BRASIL. Decreto nº 4887, de 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 26 jun. 2018.
- _____. **Programa Brasil Quilombola**. 2004. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/publicacoes/brasilquilombola_2004.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2018.
- COSTA, Duane Brasil; AZEVEDO, Uly Castro. Das senzalas às favelas: por onde vive a população negra brasileira. **Socializando**, Aracati, CE, ano 3, n.1, p. 145-154, 2016. Disponível em: <http://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2016/07/Socializando_2016_12.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- FERREIRA, Andrey Cordeiro. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. **Soc. estado**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 255-288, abr. 2014.
- FURTADO, M. B. SUCUPIRA, R. L.; ALVES, C. B. Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, Brasília, v. 1, n. 26, p. 106-115, 2014.
- GOHN, Maria da Glória. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 1983.

MARQUES, Carlos Eduardo; GOMES, Lílian. A Constituição de 1988 e a resignificação dos quilombos contemporâneos: limites e potencialidades. **RBCS**, Viçosa, v. 28, n. 81, fev. 2013.

PAULO NETTO, José. Cinco notas a propósito da “questão social”. **Temporalis**, Rio de Janeiro, n. 3, jun. 2001.

RAMOS, João Daniel Dorneles. **Quilombo Beco dos Colodianos**: identidade, diferença e territorialidades. Curitiba: Appris, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Simone Rezende da. **Quilombos no Brasil**: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. In: XII COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 2012, Bogotá. **Anais...Bogotá**, 2012.